

Mar
de lá

Ao som das estrelas

expediente

Ano 1 - número 6 - Março - 2023
Paranaguá - Paraná - Brasil
Nº SNIIC: AG-206110

Tema: Astrologia

Publicação Mensal

Distribuição Gratuita on-line

Idealização: Paulo Ras

Editoria & Diagramação: Equipe Mar de Lá

Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.

As imagens não creditadas foram produzidas por IA e editadas pela nossa equipe.

Capa: Edição de imagem baseada em IA

Site da revista: revistamardela.wixsite.com/mardela

Contato: revistamardela@gmail.com

Facebook: facebook.com/revistamardela

Instagram: [@revistamardela](https://instagram.com/revistamardela)

A Revista Mar de Lá foi criada para unir escritores, fotógrafos, músicos e artistas de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo. Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Política de direitos autorais

Autores que publicam na Revista Mar de Lá concordam com os seguintes termos:

- Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos.
- A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.
- Os direitos autorais são mantidos pelos autores e colaboradores, os quais concedem à revista o direito de publicação na revista, no site, facebook e instagram. Os autores e colaboradores não serão remunerados pela publicação de trabalhos.
- Como a revista é de acesso público, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias em aplicações não comerciais.



editorial

Uns podem dizer que é crendice, outros que não tem base científica alguma, que é pseudociência, mas o certo é que a astrologia acompanha a humanidade desde a antiguidade. As primeiras cartas astrológicas e astronômicas egípcias datam de cerca de 4.200 a.C. A astrologia também era utilizada

na Antiga Suméria, isso por volta do IV milênio a.C. Na civilização do Vale do Indo se originou o conceito de zodíaco.

Meu amor, nosso amor
Estava escrito nas estrelas,
Tava sim *

Quem já não se pegou cantarolando este refrão, que é um dos mais conhecidos da música brasileira. A arte e a astrologia podem parecer, à primeira vista, duas áreas distintas. Enquanto a arte envolve a criação de obras que buscam expressar sentimentos, emoções e ideias através de formas, cores e materiais, a astrologia se ocupa da interpretação das influências astrológicas sobre as pessoas e o mundo.

No entanto, ao olharmos mais de perto, podemos perceber que essas duas áreas estão mais próximas do que imaginamos. Afinal, tanto a arte quanto a astrologia têm em comum o fato de buscar compreender e expressar aspectos da natureza humana e do mundo em que vivemos.

Prazer em estar contigo
Um brinde ao destino
Será que o meu signo
Tem a ver com o seu? **

Alguma dúvida dessa relação íntima? Se ainda houver, saiba que, por exemplo, muitas obras de arte têm sido ins-

piradas pelos signos do zodíaco e pelos planetas, buscando expressar as características e simbolismos associados a cada um deles. Alguns artistas, como Salvador Dalí e Wassily Kandinsky, chegaram até mesmo a criar obras com base em mapas astrológicos e em conceitos astrológicos. Os heterônimos de Fernando Pessoa possuíam mapas astrais. O compositor inglês Gustav Holst, mais conhecido por sua obra "Os Planetas", era um estudioso da astrologia e usou a astrologia como inspiração para sua música.

Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês. ***

A relação entre arte e astrologia é complexa e multifacetada, e pode nos ajudar a compreender e explorar os mistérios da natureza humana e do mundo em que vivemos. Por isso nesta sexta edição, vamos navegando, astrolábio em mãos, nau nos mares sempre agitados, revoltos, viajando pelas páginas da Mar de Lá, ao sabor das artes, ao som das estrelas.

Revista Mar de lá.
Para todos os mares.
Para todas as artes.

* *Escrito nas estrelas* – Tetê Espíndola

** *Noite do Prazer* – Claudio Zoli

*** *Eduardo e Mônica* – Legião Urbana

nesta edição

Colaboradores

• Gisela Maria Bester	6
• Jô Diniz	7
• Paulo Ras	8
• Rodrigo Domit	9
• Blog Concursos Literários	10
• Espaço SerEsta	11
• Folhas Secas	12
• Projeto Maresia	14

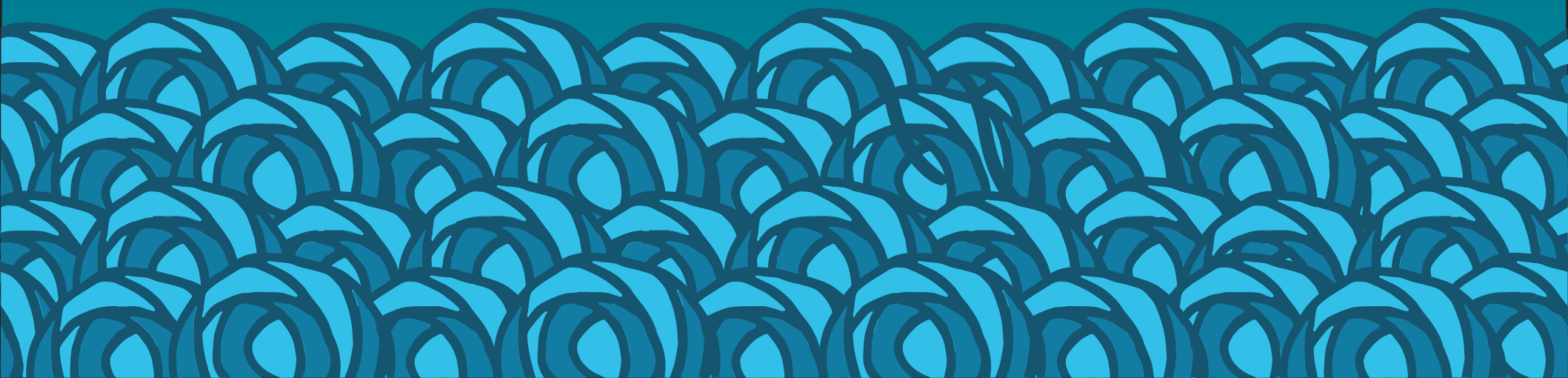
Autores Classificados

Ana Helena Reis	16
Claudio Luiz Ferreira	17
Daniela Castro	18
Eliane Lewis	19
Fatima Macedo	20
Fernando Bunga	21
Givanildo Silva	22
Jenny Rugeroni	23
Larissa de Almeida Corrêa	25

Lena Luiz	26
Luísa Lima	27
Luiz Fernando de Oliveira	29
Marcos Antonio Campos	31
Massanori Takaki	32
Matheus Roberto Camilo	34
Patrícia Baldez	35
Patricia de Campos Occhiucci	36
Simone Magalhães	37
Sinval Farias	38
Suzane Araújo de Oliveira	39



colaboradores



GISELA MARIA
BESTER
CURITIBA - PR

*As de sagitário
não têm ponteiros*

Poeta de ontens, hoje e amanhã. Sagitariana com ascendente em humanismos. Defensora dos direitos humanos fundamentais. Ama os bichos e tudo o mais da natureza. Importa-se com a dor dos outros.

Perdemos a hora?
De que planeta de sagitário viemos?
Quantas centaurides somos,
sentadas naquele jardim,
entre mais de oito bilhões de estrelas?
Ali mesmo, colhemos flores já pisoteadas,
mas não por nossos cascos.

Flechamos quantos sonhos?
Ferimos quantas luas?
Sugamos quantas línguas?
Ali, daquele jardim...
Despimos quantos anjos?
Voamos desequilibradas
e andamos sobre brasas.
Ali, naquele mesmo jardim...

Podemos escolher a hora da queda?
Pentearmos antes os cabelos?
E esticarmos a corda,
por onde passarão nossas irmãs?

Atrasamo-nos para o apocalipse?
Ou chegamos cedo demais?
Não sei, nem relógios tínhamos.

Sentadas nos jardins,
ainda somos de ontem.
Somos as Hylonomes,
com asas nos pés,
dispostas a fazer amanhã.



JÔ DINIZ
BELO HORIZONTE - MG

Ariano

Andar de bailarina,
olhos de não ver
o que se suben-
tende pulsando
no peito, foge da própria
natureza, mas a arte, sem-
pre ela, a encontra na esqui-
na, oferece mil promessas e
a tira pra dançar.

Patuá de alho e fúria, esmagados, embrulhados em sete nós cegos de um fio de algodão
vermelho.

Conjuro com o nome da cretina, escrito com a pena do ódio, na planta do pé esquerdo.
— Tem que ser do lado da veia do coração!

Espumou, sem dó.

Magia de adoçamento com vela acesa sobre café fervente e açucarado.

E nada.

Só ela feliz. Com outro.

O tempo passando. Horóscopo em dia. Análise esquecida. Sábado de carnaval.

Corpo e alma em jejum por anos, exausto da alegria
dela com outro, doente da tristeza dele sem ela. Indig-
nado e ingênuo, decidiu fugir da lembrança, única coisa
que ela lhe deixara.

Comeu o alho mofado, bebeu o café perdido.

E seguiu, Dom Quixote contra moinhos imaginários,
cantando baixinho a marcha dos blocos nas ruas, como
se fosse o cortejo do funeral dela.

Por quatro dias.

Até que ele inteiro e ela enterrada viva dentro dele, vi-
rassem apenas cinzas.



PAULO RAS
PARANAGUÁ - PR

Astrológica

Utópico, tem certeza de que a arte salva, a literatura liberta e a cultura oferece meios para que cada pessoa se entenda, para que cada um ouça e decifre o grito contido na própria voz.

Sexta-feira. Ela entrou em casa. Cansada. Despiu-se na sala. As roupas no caminho. Até o chuveiro, algumas dezenas de passos e a nudez em curvas. A água quente. O vapor. Os olhos fechados. As mãos ensaboando o corpo. Pensava. Pensava. A última noite, o último vinho, o último prazer. Ela sorriu sem querer. Ainda tinha no ombro direito as marcas dos dentes e no seio esquerdo ardiam as levezas daquelas mãos. Sentia o cabelo puxado e nos ouvidos ainda zunia os impropérios sussurrados em tons graves. E ela estremecia a cada lembrança. A cada gota de água escorrendo pelo corpo relaxado. Ela mordeu os lábios. Lembranças. Lembranças. Escorou o corpo na parede. Deslizou os dez dedos pelos arrepios. A aspereza da barba nas costas, a mão forte apertando o quadril, as coxas. Ainda sentia.

Resistiria até o fim do banho? Talvez.

Mas resistir para que?

Havia um mar de prazeres escorrendo pelo seu corpo, um sem-número de desejos marcando a pele. Não resistiria. Não resistiu. E a respiração ofegante. E o rosto em fogos. Tudo a denunciava. Tudo a entregava.

A noite. As lembranças.

Não devia. Ela era Gêmeos.

Não podia. Ele era Escorpião.

Mas queria.

Mas queria.



RODRIGO DOMIT
JARAGUÁ DO SUL - SC

No vácuo

Criou as galáxias
o universo complexo
num estalar de dedos

uma pitada de planetas
um punhado de cometas
e salpicou estrelas
pelo amplo espaço

para que todos pudessem
ao cair da noite
lançar vista aos céus
e preencher seus vácuos

- desenhando constelações

Autor dos livros Colcha de Retalhos (2011) e Ruínas da Consciência (2018).

Edita o blog Concursos Literários, no qual são divulgados certames literários do Brasil e dos demais países lusófonos.



Blog Concursos Literários

Agende-se Março/2023

<https://concursos-literarios.blogspot.com/>

As datas nos tópicos referem-se ao prazo limite para realizar a inscrição.

- 01.03.2023 - Prémio Literário Cónego Albano Martins de Sousa 2023 (#Portugal #Poesia - \$)

- 03.03.2023 - 19º Prémio Barco a Vapor | 2023 (#Brasil #LivrosInéditos #Infantojuvenil - @ - \$)

- 03.03.2023 - XII Prémio Literário Aldónio Gomes | 2023 (#LivrosInéditos #Poesia)

- 05.03.2023 - Portal Fazia Poesia (@)

- 06.03.2023 - Revista Ikebana (@)

- 08.03.2023 - Revista Artes do Multiverso (@)

- 09.03.2023 - Revista Campo ou Bola (@)

- 10.03.2023 - Antologia - Iemanjá, a Rainha do Mar - ArtLivroseCia (#Brasil #Contos #Poesias - @)

- 12.03.2023 - Chamadas - Intervenção Poética - Transvê (#Poesias - @)

- 14.03.2023 - Concurso #Contos RJ 1ª Edição – Um Olhar Sobre o Amanhã (#RJ)

- 15.03.2023 - II Concurso de #Contos Curtos - Sebo do Edy (@)

- 17.03.2023 - 2º Prémio Literário Mozart Pereira Soares (#Brasil #JovensAutores #LivrosPublicados - \$)

- 17.03.2023 - IX Prémio Hermilo Borba Filho de Literatura (#PE)

- 20.03.2023 - Antologia - Hefesto - WE Coletivo (#Contos - @)

- 24.03.2023 - e-Antologia - Ficção Científica - Pulpversos (#Poemas - @)

- 31.03.2023 - 21º Prémio Literário Paulo Setúbal e Editais da Prefeitura de Taubaté-SP (#Brasil - @ - \$)

- 31.03.2023 - 3º Concurso Municipal de Poesias (#CapãoBonitoSP)

- 31.03.2023 - XVIII Concurso de Trovas da UBT Maranguape-CE

- 31.03.2023 - XIV Concurso Literário "Poeta Zé Mitôca" - UBT Ocara-CE

- 31.03.2023 - IX Prémio Nacional de Poesia António Ramos Rosa (#Portugal #LivrosPublicados #Poesia \$)

- 31.03.2023 - I Concurso de Trovas da Nova UBT São Paulo (@)

- 31.03.2023 - 7º Concurso de Relatos Breves do CEB - Universidade de Salamanca (#Contos - @ - \$)

- 31.03.2023 - Prémio Nova #Dramaturgia de Autoria Feminina (#Autoras - @ - \$)

- 31.03.2023 - Prémio Literário Cidade do Funchal - Edmundo Bettencourt (#LivrosInéditos - \$)

- 31.03.2023 - Revista Mar de Lá - Tema a definir @

Legenda:

\$ - Prémio em dinheiro

@ - Inscrição pela internet

- Voltado a público restrito

¢ - Prémio deve ser retirado no local ou o frete deve ser custeado

JANELA

brecha que deixa
transpassar o brilho do sol

fresta de curiosidade
a iluminar tal qual farol

vão que dá passagem
a sonhos e ao canto do rouxinol

abertura para a vida
para o amor
para o vermelho
do arrebol.

Texto e fotografia: Sigridi Borges



Folhas Secas

Organizadora: Gisela Bester*

Nesta edição, a segunda edição de "Folhas Secas". Trata-se de um espaço de duas páginas, destinado ao enaltecimento de uma das formas literárias mais antigas, que ultrapassa 300 anos de prática, remontando ao Japão medieval.

Tal qual folhas secas, que adubam e protegem o solo, guarneecendo a vida, esta coluna visa a colaborar para manter vivo esse subgênero literário destinado ao registro de um instante. Ao promover a prática e divulgar o haikai tradicional, também almeja-se a ampliação da sua comunidade de leitores(as). Considera-se haikai tradicional – ou clássico – o poemeto de origem japonesa, derivado da inaugural tradição de Matsuo Bashô, que seja composto atendendo aos seguintes preceitos básicos:

- presença de um kigo (palavra que indica as estações do ano), conforme seja proposto em cada chamamento;
- retrato de uma frequência com a natureza (ambiental ou humana), espelhada “no aqui” e “no agora”, utilizando verbos no tempo presente;
- estrutura de 3 versos, com métrica sequencial 5-7-5, totalizando 17 sílabas poéticas (consultar a metrificação);
- apresentação de um corte, quebra sintática, ou pausa de leitura (kire, indicado por um sinal de corte, kireji, de preferência expresso por um travessão), marcando as duas partes do terceto;
- ausência de rima e de título (a não ser no caso do haikai ao estilo guilhermino, que então deverá constar no respectivo edital);
- ausência de definições, conceituações e explicações, primando-se pelo viés objetivo, e ao mesmo tempo sugestivo do poema;
- linguagem simples, evitando-se rebuscamentos intelectuais, o sentimentalismo do eu lírico (opinião ou julgamento da autoria sobre a cena retratada) e a personalização dos elementos tratados.

As participações dar-se-ão por convite da colunista responsável, segundo o atendimento das regras acima veiculadas.

Em cada edição, a coluna veiculará um haibun e 8 haicais.

* Escritora, apaixonada por haicais clássicos.

Surpreendida pelo toque da campainha, no apartamento da Rua Evaristo da Veiga-RJ, vislumbro pelo olho mágico alguém que não conhecia. Indago sua identidade e ouço a resposta, atropelada num sotaque português:

— Sou Elvira Araújo, vim de Portugal para falar com a senhora sobre haikai. A curiosidade, maior do que a prudência, me faz abrir a porta e convidá-la a entrar. Apresentando-se como Ikebanista de muitos arranjos, expôs o sonho de encontrar um haicaísta que lhe selecionasse cem deles e escrevesse haicais de acordo com a história dela.

Apressou-se em dar-me como referências um professor da Universidade Federal Fluminense, seu conterrâneo. Tendo o livro com os haicais publicados reverenciando sua família, arranjaria o lançamento em Portugal e na Espanha, com lucros repartidos.

A peônia rosa
Do jardim de três moradas —
Lembrança do pai

Emi - Benedita Azevedo
(Magé – RJ)



Folhas Secas

Névoa de inverno
Paisagem de minha rua
inexiste agora

Jô Marcondes
(Irati – PR)

a mulher deitada
com o homem ao seu lado –
estrela cadente

José Brandão
(Bauru – SP)

poda delicada –
quase cabe num vasinho
a extremosa em flor

Maísa Cardoso
(Curitiba – PR)

mestre-sala triste
não vai pular carnaval –
a perna engessada

Francine Cruz
(Curitiba – PR)

manhã de verão –
a concha do mar sussurra
ecos do passado

Giulianne Simizu Calizotti
(Londrina – PR)

lá vem o toró –
a mulher do pescador
com olhos aflitos

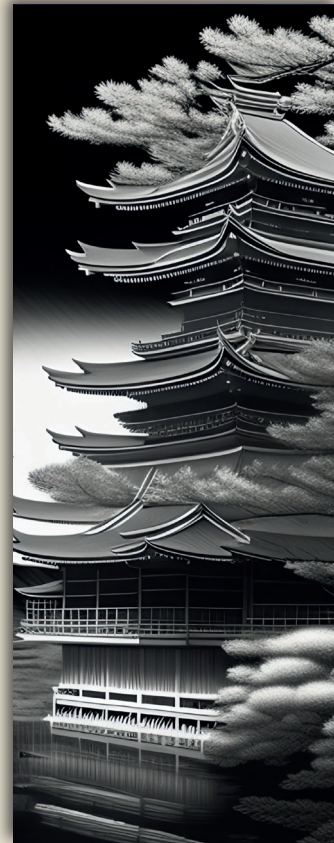
Regina Alonso
(Santos – SP)

do banhado vem
pio triste e solitário –
uma saracura

Gisela Bester
(Curitiba – PR)

fino fio de água –
um girino escorregando
pela pedra lisa

Isa Ravacci
(São José do Rio Pardo – SP)





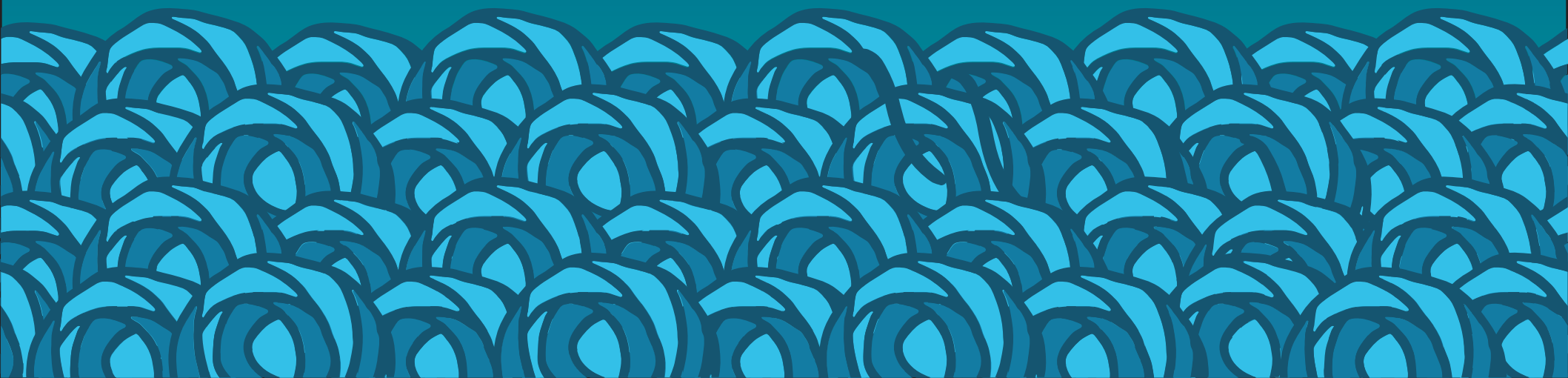
Dispersão

poema de Ada Macaggi

Delícia de ficar longamente estendida
sobre a frescura verde do relvado,
dentro da noite nítida de estrelas ...

Nem desejos, nem sonhos, nem cansaço;
apenas a divina anestesia,
a embriaguez total dos perfumes errantes,
que é como a dispersão do espírito e do corpo
na noite calma, salpicada de astros.

seleccionados



ANA HELENA REIS

Mulheres zodiacais

Invisível e incapturável.
Consegue envolver as
pessoas de forma
silenciosa e definitiva.



Inovadora, rápida e
imprevisível.
Ri das regras e
detesta a sensação de
estar presa a algo.



Pode ter reações um
pouco dramáticas, mas
é aconchegante e
gostosa, quase como
um ninho.



Introspectiva,
espiritualizada.
Faz a conexão entre as
coisas que dão um
sentido maior para a
vida.



Sem limites, quando
algo faz sentido para
ela, é fácil exagerar na
dose.
Se joga sem olhar para
trás.



Ousada e
autoconfiante.
Se arrisca a
enfrentar desafios
que, claro, resultam em
reconhecimento e
fama.



Paciente, prática, pés
no chão.
Com calma pensa em
como fazer acontecer.



Raciocínio rápido,
 enxerga as coisas de
um ponto de vista leve
e criativo.
Consegue soluções
inusitadas para
qualquer problema.



Racional e pragmática.
Coloca assuntos mais
difíceis ou doloridos
numa caixinha para
organizar mais tarde.



Hábil, flexível, busca
harmonia em tudo,
faz acordos.
Consegue enxergar a
mesma coisa através
de muitos pontos de
vista.



Rígida, estável,
facada.
Pensa no longo prazo e
não tem problema
nenhum em deixar os
pequenos prazeres
para depois do
trabalho importante.



Individualista,
corajosa e franca.
Precisa se sentir livre
para se movimentar e
também para curtir
uma boa pausa quando
quer.



CLAUDIO LUIZ
FERREIRA

Na frequência dos sinais

Fotografo para manter-me atento e curioso, despertar a criatividade, colocar-me em movimento e me conectar com a vida.



DANIELA CASTRO
BELO HORIZONTE - MG

Cosmo

Cosmopolita, cosmo
agricultor, campo
o cosmo contém o todo,
sem tempo, sem escolha
sem classe social,
sem preconceito,
na amplitude do universo,
não há sombra, há vento,
vento que voa na imensidão
e sol que ilumina,
até a sincronicidade dos cometas.

Formada em Direito
e Letras. Professora
de Inglês desde
2011, adora escrever, desde
sempre. Morou em Israel
por mais de dois anos
e lá recomeçou a sua jornada
na escrita. Escreve
poemas e contos.



ELIANE LEWIS
NORMANDIA - RR

Os astros

E. Lewis tem um grande apreço pela literatura e gosta de imaginar histórias em seu tempo livre.

— Avad?...

— Sim.

— Olhe para os céus.

— Sim, estou olhando.

— Não com esta venda, retire a venda e veja os céus. Eles dizem a você tudo que deve saber. Veja o alinhamento dos planetas, o importante é o alinhamento, podem mostrar o futuro. Se você se aproximar, eles vão começar a sussurrar em seus ouvidos.

— Sussurros?

— Todos os sentimentos humanos, podemos vê-los através das estrelas, veja as figuras que formam. Existe um sentido por trás disso tudo. Toda a natureza e os astros estão interligados pelos fios da vida Avad. Compreenda isso. Aprenda a enxergar os sinais.

— Sinais?

— Deve ver o mundo da forma que eu vejo. É o único modo de entender para onde estamos caminhando. Destinos escritos revelados ao nosso povo desde os tempos remotos. Olhe para o alto e veja segredos de si mesmo. Somos parte do passado e do presente de cada criatura viva, e os astros nos mostram isso. Basta abrir os olhos, não ignore os conselhos de um velho sábio. Me dói muito que permaneça no escuro, por isso retire a venda e abra os olhos para a verdade...

— Mas senhor, a venda está em seus olhos.



FATIMA MACEDO

NOVA FRIBURGO - RJ

Promessa

Fatima Macedo é escritora friburguense. Com encanto pelas palavras, afina seu estilo e amplia seu repertório. Participa de coletâneas de Contos, Crônicas, Poemas e Microcontos.

Sou estrela errante,
sou estradeira, sou viajante.
Caminho na ponta dos pés,
camuflada às nebulosas.
No rastro de Vênus,
tenho meu próprio radar.
Fio invisível, chamado estelar.
Com fases lunares, emociono,
Com brilho solar, irradio.
Se as conjunções são benéficas,
as interjeições serão magníficas.

Sou adivinha,
instruo Mercúrio a navegar pelas redes,
ensino Saturno a acatar a inovação,
educó Marte a aplacar as tempestades.
Pensei também poder orientar Netuno
a navegar serenamente
pelos mares daqui, os do inconsciente, ou
pelos mares de lá, os da Mitologia.
Mas minha jangada ainda é frágil.
E me afogo no devaneio.
O que fazer? Sou poeta.

Sou cósmica,
com a flecha atirada para cima
meu alvo é a consciência.
E, quando Plutão, o restaurador, soprar seu alento
e Urano, de fato, abraçar a coletividade,
serei como Júpiter, transcendente,
e integrar-me-ei ao Cosmos.



FERNANDO BUNGA
UÍGE - ANGOLA

Céu estrelado

Dito ninguém acredita, só mesmo visto este céu estrelado angolano. O menino boquiaberto é o meu maninho, admirou-se ao ouvir que as estrelas são maiores que o planeta terra. Sobre a mesma rede de descanso, vamos contando as estrelas, em meio a isso, informo-o que as estrelas só parecem ser pequenas porque estão muito distantes da terra e que o conjunto de estrelas visíveis numa determinada posição, são chamadas de constelação, ademais, enfatizo que antigamente acreditava-se que elas formavam figuras de animais, pessoas e objetos. Dito isso, pego o seu dedo indicador e vamos unindo os pontos no céu, fazendo assim a figura de um animal africano que ruga. Enquanto isso, o menino vê um rastro de luz no céu...

Estrela cadente —
O menino de janelinha
pede algo modesto.



GIVANILDO SILVA
BAYEUX – PB

Universo

Imensidão
Nós dois
Virando estrelas.



JENNY RUGERONI
SÃO JOÃO DA BOA VISTA - SP

Inferno astral

Jenny Rugeroni é autora dos romances “A Herdeira do Silêncio”, “Um Céu de Estrelas Curiosas” e “O Ano em que não Choveu”, além de diversos contos e crônicas premiados em concursos literários.

Heloísa detestava ter que usar óculos. Na rua tropeçava em tudo; não reconhecia as pessoas, quase esbarrava nas árvores. Mas achava seu rosto mais jovem sem as lentes. Além do mais, elas insistiam em embaçar quando usava a máscara, outro acessório tão incômodo quanto necessário naquele outubro de 2020.

No trabalho, não tinha jeito: usava os óculos e se resignava com a sala monocromática, sem nenhum objeto que remetesse à vida fora dali. Guarde essa bolsa no armário, dizia o Marcondes. Ela destoa do padrão de cores da empresa. Sem responder, ela escondia a bolsa com seu mosaico de quadrados de couro tingido, presente da mãe uns quatro natais antes, um lembrete de que Heloísa ainda não havia se transformado num computador. Como toda escorpiana, era capaz de amar e odiar com intensidade, mas nunca ficava indiferente, apesar de afirmar que pouco se importava com o que Marcondes pensaria a seu respeito. Já sabia que não era nada de bom.

Talvez ainda houvesse tempo para procurar outro emprego. Estava com cinquenta anos. Ansiava pelo fim de semana. Sonhava com quinze minutos do sol de outubro. Mas o Marcondes estava ali, na mesa de frente para a sua, falando alto e tossindo. Vai buscar um copo de água, Heloísa. Traz um café para mim. Folgado, ela pensava, por acaso arranca algum pedaço ir até o bebedouro enquanto fala no celular? Ele continuava, implacável. Vamos definir a meta de vendas. Marcondes só podia ser de Capricórnio, frio e ambicioso, colocando a carreira acima das amizades. O croquete que ela havia comido na hora do almoço revirava seu estômago. Já fez o que eu pedi, Heloísa? Estou terminando, ainda não deu tempo... Se você descumprir qualquer ordem minha, eu te demito na mesma hora por insubordinação. Entendeu? Estremecia só de ouvir a voz dele. Do nada, vinha aquela vontade de chorar. E deixe de ser ridícula, não tem nenhuma criancinha aqui. Ela se escondia atrás do computador, disfarçando os soluços.

O vendedor Rodivaldo sempre cumpria as metas. Era um baiano alegre, prestativo, que sabia cativar os clientes com sua voz mansa. Talvez fosse de Sagitário, ou de Leão, ou quem sabe o sol em um e o ascendente em outro signo de fogo; era muita energia para uma pessoa só. Toda vez que passava pela sala, botava a cabeça para dentro e acenava para Heloísa. Às vezes entrava para conversar, quando o chefe não estava. Você viu, menina? O Marcondes tossiu muito ontem e hoje. Foi falar com a gente, e o pessoal comentou. Essa tosse dele, não sei não... Só faltava ser Covid. E aí, ele trabalhou na sala com você, passou perto de todo mundo lá embaixo...

Heloísa tentou acalmar o colega: não há de ser nada. Faltava menos de uma semana para

JENNY RUGERONI
SÃO JOÃO DA BOA VISTA – SP

Inferno astral

seu aniversário. O inferno astral estava acabando; quem sabe depois viria alguma coisa boa? Estava cansada de resolver problemas dos outros. Nem o Rodivaldo, com toda a sua lábia, conseguia agradar o chefe. O que ele faz com você é assédio moral, sabia? Heloísa se encolhia: o que posso fazer? Você pode procurar um advogado. Tá, mas a justiça demora. Enquanto isso, vou viver de quê?

Na segunda-feira, Marcondes trabalhou de casa. No dia seguinte telefonou, informando que havia testado positivo para Covid. Veja bem, Heloísa, não há motivo para pânico. Fui visitar meus pais no fim de semana, e eles não tiveram nenhum sintoma.

Mais tarde ela relatou a conversa a Rodivaldo, em voz baixa. O vendedor ficou indignado: é mesmo um irresponsável, não é não? Nem respeita os próprios pais, que já devem ser de idade. Imagine se vai se importar com a gente? Ela nem sabia a idade do Marcondes, talvez bem próxima da sua. Quantos anos você tem, Heloísa? Cinquenta e um, respondia a idade que iria completar, que diferença faria uma semana? Então você sabe, não é, que nós somos o verdadeiro grupo de risco? Porque não podemos ficar em casa, temos que nos expor e não somos mais jovens. Eu me cuido, tomo todas as precauções, mas não tem jeito, preciso trabalhar. O que vamos fazer?

Sem o Marcondes, o escritório era uma paz. Finalmente conseguia começar uma tarefa e terminar, sem ser interrompida de cinco em cinco minutos. Era um folgado, vai buscar água, café, só faltava ir ao banheiro para ele.

A paz durou pouco. No telefone, Marcondes mais tossia do que falava. Ô Heloísa, ligue para todos os vendedores, veja o que já fizeram. Preciso disso em quinze minutos. Ela mal começara a tarefa quando o telefone tocou de novo, Heloísa, já ligou? Estou ligando. É urgente, hein? Outro acesso de tosse. Estou aguardando.

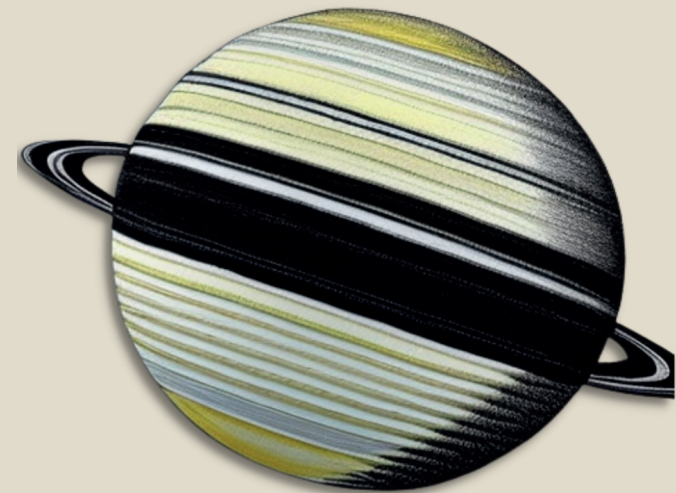
Podia morrer essa desgraça, disse o Rodivaldo com sua voz mansa. Heloísa se encolheu. Que horror desejar isso para outro ser humano! E no entanto, ela mesma tinha pensado nisso por um instante fugaz, sem coragem de falar em voz alta. Ansiava pela liberdade e queria o Marcondes bem longe; haveria uma solução? No fundo, sentia até um pouco de pena. Ninguém gostava de Marcondes, ninguém. Pensando bem, refletiu ela, as pessoas não são só aquilo que a gente vê, o que conhecemos do outro é uma pequena parte. Você sabia, Rodivaldo, que é pecado desejar o mal para os outros? Suspirou. Retomou a tarefa de ligar para os vendedores. Tinha dois dias de inferno astral ainda. Depois, quem sabe? Tudo poderia melhorar, por que não?

LARISSA DE
ALMEIDA CORRÊA
CURITIBA - PR

Libre

Larissa de Almeida Corrêa tem 31 anos e reside em Curitiba/PR. Graduada em Direito, atualmente cursa História (PUCPR). Pesquisadora em literatura de autoria feminina e em Criminologia e Feminismo.

Equilibrar-me em linhas tortas
o mapa é um refúgio
(ou reforço)
romantizando tintas espúrias
dos quadros embelezados
pelos pincéis de ardor
da inação
[guia rumores
belezas tragadas pela efemeridade
própria da inexatidão
o ar é mentor
[guia amores
condensados no borbulhar
das pinças do crustáceo
a me proteger
às vezes
a palavra não dita
anseia pelo lado que evita
justo
[ou não
nas entranhas de Saturno
Libra é Libre.



LENA LUIZ
PINDAMONHANGABA - SP

Poesia pisciana sem título

Defensora da democracia progressista desde 1970, faço de poesia desde 1960. Acredito que a Arte e a Cultura são poderosas contra o obscurantismo.



meter as unhas na carne
rasgar inteiro o meu peito
expor bem pelado e indecente
esse coração vermelho incandescente
pra que vejam como sou

como sou?

pra que eu veja a minha alma
escancarar bem a boca
virar a cara no avesso
sair do meu calabouço
descobrir o meu começo
e saber qual é meu fim



LUÍSA LIMA
SANTA MARIA DA FEIRA
PORTUGAL

Destino adiado

Luísa Lima foi professora desde 1975 até 2014. Participou com trabalhos em antologias e revistas literárias e escreve artigos de opinião num Jornal Semanário da sua terra natal.

Todas as manhãs, via o dia à minha frente sem nenhum projeto e tinha a sensação de que só me restava esperar.

Sim é verdade. Estava apaixonada e ele partira com vagas promessas de que voltaria. Vou chamar-lhe ele, porque não pretendo trazer nada de autobiográfico à luz do dia. Eu não era velha, mas há muito que ultrapassara as primaveras da minha vida. Porém, foi precisamente na “fase da loba”, ou seja, na idade em que as mulheres sabem de sobra o que não querem nas suas vidas, que eu me tornei serva dos astros.

A impaciência da minha alma deu lugar a um desassossego crescente. Continuava aparentemente atenta a tudo, mas quando as pessoas falavam comigo, fixava-lhes os gestos e a mímica, sem as escutar, pensando sempre noutra coisa.

Nos momentos mais difíceis consultava os horóscopos (o dele e o meu), estendia a mão às ciganas do mercado para que me lessem a sina, recitava mantras que a minha avó me ensinara, perfumava a cama com rosas e jasmim, queimava velas e incensos, louvava os orixás, colecionava pedras e búzios e praticava simpatias que pesquisara no Dr. Google. Tornara-me mística e com os olhos fixos no céu, interrogava o cosmos: “Quem o pôs no meu caminho, se o destino é o acaso?”.

Os astros que moravam na rua da minha vida não me aliviavam, mas eram uma réstia de esperança na monotonia do entardecer em que as horas se tornavam mais lentas e vazias. Nos meus olhos ardiam lágrimas quentes e vivia silêncios em que a única realidade era a minha própria alma, até que me convenci de que não sabemos quem somos realmente, sem consultar os astros e decidi auscultar videntes. Uma delas disse-me que tinha previsto o Covid. Com receio de que me dissessem que ele jamais voltaria, optei por uma cartomante. Talvez as cartas tivessem outra forma de adivinhação.

Quando a cartomante me disse que ele iria voltar, os campos ficaram mais verdes e as flores adquiriram mais cor.

Preparei-me, então, para existir na vida dos astros. Sonhava acordada com paisagens românticas, sentia abraços e beijos e via imagens sensuais que nunca chegaram a existir.

LUÍSA LIMA
SANTA MARIA DA FEIRA
PORTUGAL

Destino adiado

O absurdo tomou conta dos meus dias neste devaneio apaixonado, porque não há maior saudade do que sentir a falta do que o destino não quis.

É tão difícil descrever o que sentia que não há palavras para o definir. A vida fazia-se por impulsos e emoções, e as mantras e simpatias transformaram-se em superstições, desígnios e prenúncios sobre o regresso do meu amado. Tudo em meu redor se transformara num universo abstrato, feito de divagações em que as constelações do meu destino iriam velar por mim.

Todavia, o destino tardava em acontecer, e eu vivia a derrota da esperança que me enclausurava numa solidão implacável. Queria ter uma vida normal, mas um simples convite para um cinema ou um jantar produziam em mim uma angústia irreprimível, e quando ma forçava a mim própria para sair, o tédio de ter que ouvir o que diziam cansava-me. Os meus amigos passaram a ser figurantes na minha vida, durante um longo inverno frio e chuvoso.

Quando, finalmente, os últimos pingos da chuva caíram nos telhados e secaram o empedrado da minha rua, as nuvens cansadas e derrotadas afastaram-se e eu descobri que tudo o que tinha sonhado e pensado não passava de engano e loucura. Comecei a preparar-me para viver a vida dos outros, tentando afastar da minha alma os meus exageros, as minhas ilusões e as minhas sensações exacerbadas. Não foi fácil, mas fui reconhecendo lentamente a realidade e quando erguia os olhos para o céu, as estrelas já não tinham significado nenhum. Nessa altura, pedi à vida que passasse por mim, sem que eu sentisse a necessidade de amar e vivi com esse desprendimento durante alguns anos.

Mas hoje acordei cedo. Uma inquietação enorme fez-me estremecer, e saí com a estranha sensação de que se ficasse em casa iria endoidecer.

O meu novo amor está à minha espera no jardim e cada batida do meu coração é uma palavra por dizer.

LUIZ FERNANDO DE OLIVEIRA

Eterno vagar sobre esteiras?

Luiz Fernando de Oliveira, professor da Rede Federal de Ensino nas cidades de Nepomuceno e Lavras, ambas nas Minas Gerais. Autor de livros e artigos acadêmicos e literários.

Nu, absolutamente nu, ele caminhava – ou seria ela? –, sob risos debochados e o peso de uma estranha vergonha. Era ele, de fato; não havia feminilidade em seu caminhar curvado pela desesperança. Ao avistar um portal, conseguiu erguer o pescoço, apurou-se e quis entrar. Um carneiro o recepcionou no vestibulo e, com um gesto, abriu-lhe passagem. Depois de um nada, saiu pelos fundos, sentindo-se mais corajoso que antes. De fora, zombavam dele pessoas vermelhas, agora com risos tímidos.

O corpo continuava despido, embora menos liso. Na caminhada, deparou-se com um segundo portal, guardado por vistoso touro. Entrou e saiu, mas com chifres imponentes que inculcaram respeito nas pessoas de pele terrosa, de uma coloração entre verde e marrom: não houve risos, apenas sorrisos amedrontados. Caminhou...

Duas belíssimas mulheres nuas, idênticas como se uma só fossem, atraíram-no, sedutoras, ao terceiro portal, no qual ingressou para sair com as forças duplicadas. De fora, feições alaranjadas, as pessoas apontaram-no o caminho do próximo portal...

... onde um caranguejo repleto de tumores parecia orar a sabe-se-lá-que-diabo-de-deus. Ignorando aquela dor alheia, o passante entrou, e atravessando o portal, sentiu-se purificado dos pecados e das moléstias que comiam seu ventre e seu espírito; brancas feito velas, as pessoas riam agradavelmente para aquele que se transformava a caminho do portal cuja sentinela era uma leoa com as tetas flácidas de amamentar – onde estaria o macho? Entrou, saiu e rugiu para os semi-humanos mais alaranjados, de pele cor-de-abóbora. O viver daquele ser até então despido de tudo, agora começava a se desvelar!

– Como pode ser? – ele se perguntou ao ver as gêmeas nuas fundidas em uma única e mesma mulher, aparentemente ansiosa por amar. Ali ele ficou mais tempo. Saiu meses depois, embora eles houvessem se passado em menos de um minuto, na confusão das horas e dos dias. Amou a moça, engravidou-a de vários filhos verdes que, crescidos, tornaram-se amantes da própria mãe... Ouvem-se risos? Por que não mais?

Sempre que buscou equilíbrio o seu lado mais belo o jogou para a esquerda – nada de simetria nos corpos nus: as tortuosidades animam e excitam mais. Por isso saiu incólume do portal de libra, cheio de gente cor-de-rosa. Surpreendente caminho!

Sentindo-se bem, encarou o animal peçonhento que fazia a guarda de um portal com

LUIZ FERNANDO DE
OLIVEIRA

*Eterno vagar
sobre esteiras?*

os dizeres “23/10 – 21/11”. O animal era preto. Não, vermelho. Não, amarelo. Não, marrom. Não havia mais venenos capazes de fazer deitar o ex-despido, agora puro pelo, chifres, desejo, bravura... Saiu pela retaguarda vendo homens e mulheres de aparência mouresca. Não, indiana. Não, indígena. Elas e eles quase o veneravam. Quase!

Nova entrada: ninguém a vigia. Ele entra e sai metamorfoseado em um híbrido de garanhão e homem, cascos duros, galope veloz: liberdade arroxeadada, hematômica. Serezi-nhos lilases demonstram respeito. Que bela a vida para quem a observa de fora!

Amarrada no limiar entre a rua e o interior de uma monumental construção, uma cabra oferecia-se em sacrifício. Eis que o Homem-Cavalo a degolou em oblação, ofício sagrado perfeito, ingressou no portal embebido em sangue, embriagado de si mesmo. Ele era pura beleza, total leveza. Todos os seres se fizeram negros como a noite, pretidão encantadora, brilhante. Força, era isto o que eles representavam. E num pulo...

... o Homem-Plenitude agora respirava n’água, livre como uma arraia. De um portal semelhante a um aquário, limitador da liberdade, mas repleto de água azul-turquesa-caribenha, admirado por criaturas anfíbias, alegres, ele irrompeu no último, guardado por ancestral garoupa: fez-se, finalmente, tudo. Era feliz, forte, belo, sábio, vivo, completo, total.

Na saída, a natureza o contemplava. Tudo era êxtase e estase! Avistou ao longe a entrada de outro portal e se pôs a caminhar em sua direção. “Como é possível?” Seu corpo, aquele mesmo corpo, feito inoxidável, desfazia-se a cada passo. Amarelidão desesperadora. Caminho percorrido, um carneiro – o mesmo de antes? – o recepcionou no vestíbulo do portal – o décimo terceiro ou o primeiro? Fosse aqui o Oriente, qual criatura o receberia: rato, boi, tigre, lebre, dragão, serpente, cavalo, carneiro (não!, por todos os deuses rodeados de moscas!), macaco, galo, cachorro, porco? Era um carneiro.

Que fazer? Aproximou-se, como se outra possibilidade houvesse. Pensava encontrar-se com a imortalidade, porém, ao baixar os olhos rumo ao próprio flanco, viu-se o caminheiro em adâmica incompletude. Restava-lhe transpassar o portal.

Nu, absolutamente nu, ele caminhava.

MARCOS ANTONIO
CAMPOS

Via Láctea

A sós
A lua incendeia a noite
Quando a guitarra chora suas notas
São letras ardentes
Estrelas cadentes
Pupilas de fogo
Caminho divino
Via láctea
Cometas, meteoros
Rastro dourado de astros
Um punhal luminoso
Uma navalha
Cortando meu peito
Até deixar de pulsar
O último raio da fornalha de fogo
À noite não mais se esconde
Surge uma púrpura granada aberta
Vinda não sabe de onde
Alargando raios escarlates
Pode não haver mais vates,
Mas a lua me embriaga
Em trajetória de cometa errante
A estrela Dalva oscilante
Anuncia o bonde alternativo
Para o amanhã
Desses dias escuros



MASSANORI TAKAKI
GRAMADO - RS

Aquariano

Biólogo, cozinheiro, costureiro, construtor de brinquedos, ceramista, sementeiro, roteirista e escritor. Sonhando com novos desafios.

Não sei quem inventou o horóscopo, como pode? Os astros estão tão distantes um dos outros e que só da Terra enxergamos formações, ou constelações, que os antepassados deram nomes a elas, Aquário, Ursa Maior, Cão Maior, Cassiopeia, Cruzeiro do Sul, Peixes, Gêmeos, Leão, Sagitário e lá vai uma lista de mais de 80. E a astrologia é baseada só em doze signos, ou constelações, está certo que o ano tem doze meses e escolheram doze constelações, mas por que essas? Vai entender.

Cassiopeia me fez lembrar do primeiro filme de animação feito no Brasil, pelo Clóvis Vieira, e que competiu com o Toy Story, da Pixar, pelo título de primeiro longa em CGI. Que orgulho.

Voltando à pauta, tem gente que lê o horóscopo todos os dias e guia a vida delas pelo que está escrito no jornal. Eu não acredito e muito menos eu leio a seção de horóscopo. Aliás, tem gente que pega o jornal só para ler o horóscopo.

Nasci em janeiro, então dizem que sou do signo de aquário, de que quem é desse signo é bem criativo, questionador, rebelde, radical e falante. Bom, falo demais mesmo, às vezes eu acho até que tenho que calar a boca, nas rodas de conversas.

E por falar em pobre, como está a sua mãe? Imagina que eu falei isso para uma amiga, e ainda bem que ela nem ligou, e a mãe dela nem é pobre. Gente, não sei de onde tirei isso. A influência dos astros sobre as pessoas, se tiver realmente, é muito, mas muito pequena e não a ponto de influenciar de forma igual a todos que nasceram em um determinado mês.

A astrologia não é ciência, e não existe comprovação científica de que todos que nascem no mês de janeiro sejam iguais, impulsivos, ansiosos, frios, além de muitas outras características dadas para os aquarianos. Está certo que achei um absurdo um amigo chorar quando os amigos em comum foram morar em outro país. Canceriano, já viu. Imagina que ele chora sempre que assiste ao filme Em algum lugar do passado, eu não choro não porque sou insensível, mas é pura coincidência.

MASSANORI TAKAKI
GRAMADO - RS

Aquariano

Como falei, e não sou eu que digo, está comprovado, que a constelação de aquário tem três estrelas brilhantes a Beta, Alfa e Delta Aquarii. Essas estrelas são supergigantes amarelas, muito, mas muito mais brilhante que o sol, e que vistos da Terra, parecem próximas, mas elas estão bem distantes umas das outras. Apesar disso, é uma constelação de pouco brilho, sendo até mesmo difícil de localizá-lo no céu. Inclusive, ela é invisível no hemisfério norte. Dizem que periodicamente ocorrem chuvas de meteoros na região da constelação de aquário e que podem ser resquícios do cometa Halley, quando passou por aqui pela última vez, isso até que é interessante.

Dizem que quem é de aquário combina com pessoas do signo de gêmeos. Como eu não ligo pra astrologia, não sei os signos dos amigos, apesar de que a minha melhor amiga disse que é de gêmeos. A vida é feita de coincidências, digo sempre.

Essa minha amiga, fez o meu mapa astral e me disse que a lua em aquário, preza a liberdade. Eu sou free, sempre free, eu sou free demais. É, mas frio? Nunca. Não sou frio. Já ouvi falarem que sou frio. Aliás, preciso ver o que ela escreveu no verso do mapa, para eu lembrar.

Os aquarianos sofrem muita influência do ar e por causa da volatilidade dele, as pessoas desse signo são dispersas e superficiais.

Estamos na Era de Aquários. Yes. Não que eu acredite nisso, mas falando nisso, não vejo a hora de sair de férias. Estou escrevendo esse texto e pensando em explorar as praias incomuns do nordeste. É, mas tenho que ficar nesse bendito escritório e escrevendo uma crônica sobre horóscopo, que não acredito.

— Chega, o texto deve tá uma droga, mas é o máximo que consigo escrever. Fui!



MATHEUS ROBERTO
CAMILO
MOGI GUAÇU - SP

Deus do fim

Matheus é residente de Mogi Guaçu, tem 24 anos, mas escreve faz dois anos. Apaixonado pela literatura e pelas artes plásticas.

Deus do fim, predicando as finalidades últimas. Simboliza o cansaço do tempo, sempre aguardando a paisagem de inverno: congelando os amores da carne, adoecendo os prazeres da vida. Sua força é gradual, mas no momento agente, és veloz como uma asa de beija-flor. Está sempre faminto, sua essência sempre requer opulência; devora a alma daquele sofredor; devora os girassóis enraizados na beleza; devora a arte, a mesma que vive por ti. Em suma, nunca está satisfeito pelas suas mortes. Vive como eremita no gás tóxico da atmosfera pesada. O senhor uma vez me disse ser o rei do casamento. Retira seu anel e com toda delicadeza, coloca nos dedos pequenos dos homens. Mencionou também ser o juiz do divórcio: justaposto ao ser, desvincula o homem da vida. Morada indigna é a tua corte, onde rege seu poder na encruzilhada de macumba, nas entranhas das carniças e tudo o que é podre e obscuro. Toda desgraça é a sua graça.



PATRÍCIA BALDEZ

Problema astral

O PROBLEMA

é astral

Não sou regida por Vênus,
do amor.

Nem guiada por Marte,
da guerra.

No meu céu,
o trânsito é de asteroides.
Desses sem órbita,
só rota de colisão.

Extinguem tudo que havia vivo
e iniciam, diuturnamente,
desconhecidas novas eras.

PATRICIA DE
CAMPOS OCCHIUCCI

Aqua

Poeta, professora de Ciências Físicas e Biológicas, psicóloga clínica, terapeuta holística e contadora de histórias. Possui mais de 1500 poemas autorais em seus arquivos pessoais.

Uma pessoa leve, de ar
Do segundo decanato
Ascendente libra, e lunar
Personalidade, um fato.

A astrologia incide
Num mapa de combinações
Céu e inferno coincidem
Conforme suas conexões.

Ela, aquariana no desapego
Teimosia e eloquência
Às vezes, gosta de um achego
E até demonstra carência.

À frente do tempo. Quanto?
Uma Era, transmuta e move
Sinceridade, tem um tanto
Mas, também se comove.

E escreve, poetisa narra
Mistura na água o amor
Toma a frente, chance agarra
Na constelação, norteador!

SIMONE MAGALHÃES

BRASÍLIA - DF

Tarô

Jornalista formada, esta brasiliense vem participando de algumas antologias desde a pandemia. Com textos lidos no rádio e em podcasts, outro hobby favorito tem sido a fotografia e as colagens.



SINVAL FARIAS
FORTALEZA - CE

Confissão zodiacal

Graduado em Letras. Mestre em Estudos da Linguagem. Professor de Língua Portuguesa do IFCE. É autor de poemas, contos e crônicas, alguns premiados em concursos locais, nacionais e internacionais.

Ah, os astros e seus melindres!
Esse espírito em excesso,
Esse corpo em expansão.

Se no prazer erguem laços
A saciar no outro a fome:
Tão soturno, tão taurino...

Se do peito o rio escorre
Exangue em sofreguidão:
Canceriano na lata...

Se o detalhe se resguarda
Do caos em ebulição:
Virginiana sem erro...

E me assombram ascendentes,
Sóis, luas e planetas
– Causa e efeito do ser –

Ah os astros e seus acintes!
Esse olhar de cigania,
Esse paiol de intuição.

SUZANE ARAÚJO
DE OLIVEIRA
NATAL - RN

Amor canceriano

Escritora, professora e veterinária geminiana, com Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Francesa, Especialista em EAD, Bacharel em Medicina Veterinária e Pós-graduanda em Odontologia Veterinária.

Ela adorava Astrologia. Ele amava os números. Ambos eram tímidos, filhos únicos e só saíam sozinhos mesmo para ir à escola, criados por mães separadas e de temperamento forte. No final do ano, ela ficou de recuperação em Física, e a mãe dele ofereceu os serviços de aula de reforço do filho à mãe dela, que aceitou prontamente a oferta. Afinal, ele era filho da professora, com fama de ser o garoto mais estudioso e responsável da escola. E foi assim que eles se conheceram.

Depois de algumas aulas, muito desajeitadamente, eles começaram a conversar e, aos poucos, descobriram muitas coisas em comum: ambos tinham 17 anos, faziam coleção de LPs e gostavam de ler os clássicos da Literatura. Gostavam de cinema, de cães, de natureza e de paz. Então, o coração deles se encheu de ternura um pelo outro e ela logo fez, como era de costume com todo mundo desde quando conheceu a Astrologia, o levantamento astrológico dele.

Resultado: ela descobriu maravilhada que ambos haviam nascido sob o signo chinês de Cão e que, pasmem, ambos eram cancerianos, nascidos em junho, com apenas poucos dias de diferença! Ele mal sabia que era do signo de Câncer e nem sonhava com a influência dos signos sobre a vida, o temperamento e os relacionamentos; mas ela tratou logo de reparar essa falta, explicando-lhe todos os detalhes durante dias, enquanto ele escutava tudo pacientemente; de maneira que ele acabou ficando entendido do assunto e, naturalmente, começaram a namorar, descobrindo o amor, e tudo o mais, juntos.

“Como era possível tamanha sorte de encontrar alguém com tantas coincidências astrológicas?”, ela pensava, verbalizava e eles não cansavam de se sentir encantados e afortunados por causa disso. Durante quatro anos, viveram esse conto de fadas, um adivinhando o pensamento do outro, trocando presentes de “mesversário” de namoro, passeando pelos parques da cidade (sempre às tardes) e fazendo mil projetos de futuro: ele, que àquela altura já estava cursando o primeiro ano de Engenharia, iria construir a casa deles na Chapada dos Guimarães; e ela, que tinha consciência ecológica e alma hippie, sonhava em viver da forma mais natural e sustentável possível, em comunhão com a natureza naquele lugar paradisíaco. Ambos viveriam eternamente felizes, construindo seu ninho de amor entre as canções dos Beatles e do Pink Floyd, entre as leituras de Machado e Eça de Queiroz, entre as brincadeiras de um cãozinho e abençoados, talvez, pela vinda de um filhinho que ambos já desejavam.

No ano seguinte, no entanto, ela precisou se mudar de cidade, pois sua mãe arranjava um em-

SUZANE ARAÚJO
DE OLIVEIRA
NATAL - RN

Amor canceriano

prego em outro Estado. Mas, eles decidiram que a distância não iria separá-los. Ele viajaria para vê-la e ela voltaria com sua mãe, quando pudessem, e assim fizeram. Mandavam cartas de amor pelos Correios e o carteiro passou a ser a visita mais esperada do bairro para eles.

Até que, no outro ano, ela passou no vestibular e entrou na faculdade. Ele festejou sua vitória, mas lhe nasceu uma pontinha de ciúmes... Logo, logo, ela passaria a conviver com muitas outras pessoas além dele... e essa ideia começou a lhe incomodar deveras. Quando se reencontraram, ela lhe apresentou alguns amigos na sua casa e ele fechou a cara sem mais nem menos, deixando-a bastante envergonhada. Foi chato. Tiveram a primeira briga, de muitas que se seguiram pelo mesmo motivo. Ele voltou para casa inseguro e ela suspirou fundo...

Um tempo depois, ela comprou uma revista e viu um anúncio que prometia enviar gratuitamente pelos Correios seu mapa astral completo, mediante o preenchimento de um formulário. Ela mandou o cupom e, semanas depois, recebeu o mapa, que começava assim:

“Seu signo astrológico, como você sabe, é de Gêmeos, pois você nascera às 10:00h da manhã, nas últimas horas da vigência desse signo... [...]”

Mas, não. Ela nem desconfiava disso! “Geminiana, quem diria, meu Deus! Geminiana!”, pensou ela, sentando-se para não cair de susto. “Mas, todas as folhinhas astrológicas indicavam seu aniversário como sendo o primeiro dia do signo de Câncer!” E desandou a ler o restante das quatro páginas que traziam essa inusitada descoberta, ficando cada vez mais assombrada em se descobrir perfeitamente naquelas características e descrições que nunca havia percebido em si mesma...

Era mesmo geminiana! E descobrira junto com isso que estava cansada de continuar nutrindo os mesmos sonhos de futuro, os mesmos sentimentos, o mesmo relacionamento... Ele era um doce de pessoa, sem dúvida alguma; mas, além das recentes brigas dele por ciúmes, havia um mundo novo se abrindo na sua frente: a faculdade, novas amizades, novas ideias e perspectivas! E descobriu, de repente, que os cancerianos eram muito aborrecidos de gostar daquela mesmice de vida em família, de ninho, de amor eterno... Ela queria conhecer outros rapazes, ter outras experiências, viver novas escolhas! Afinal de contas, os geminianos amam as mudanças!

Então, ela lhe escreveu a última carta, acabando de uma vez por todas com a casinha sustentável na natureza, com o ninho de amor, o cãozinho e o filhinho que tanto sonharam, e seguiu em frente.